

Seca de três meses em Brasília já é problema de saúde pública

Brasília — A seca que há três meses castiga o Distrito Federal dói nas mucosas dos olhos, do nariz e da boca da maioria de seus habitantes, que passaram a ver esturricados os quase 30 milhões de metros quadrados de gramados públicos, a respirar um ar muito seco, com a média de 30% de umidade relativa, e a sentir uma grande necessidade de água, cujos mananciais estão ameaçados com os incêndios que atingiram 70% dos 32 mil 800 hectares do Parque Nacional de Brasília. Os que mais sofrem são as crianças: os casos de problemas respiratórios somam 4 mil por dia nos 40 centros de Saúde e oito hospitais regionais existentes na capital federal.

Brasília, nesta época do ano, rivaliza com os desertos. Dia 14 de julho, por exemplo, a umidade relativa do ar na cidade caiu para 13%, quando nos desertos varia de 14% a 16%. Entre as crianças os efeitos são piores porque, por respirarem mais rápido que os adultos, exigem mais de seus organismos para repassar água para as mucosas do aparelho respiratório, explica o médico Carlos Alberto Florentino, diretor do Centro de Saúde nº 1. E, com a baixa umidade, os vírus se disseminam com maior facilidade no ar, encontrando as mucosas nasais infantis desprotegidas pelo ressecamento.

Segundo o médico, é preocupante a relação entre a seca e a pobreza nas cidades-satélites: a escassez de umidade agrava o problema de desidratação, triplicando a incidência principalmente nos hospitais da Ceilândia, a par dos problemas de pneumonia, amigdalite, asma e bronquite.

Nesta época, os que sofrem de rinite, sinusite, asma ou bronquite passam mal em Brasília. E quem não mora na Península dos Ministros ou não usufrui dos privilégios que a caracterizam, como áreas verdes umedecidas por aspersores, piscinas e a proximidade do lago, é aconselhado pelos médicos a usar vasilhas

com água, toalhas molhadas ou umidificadores no quarto de dormir. Essa prática até já se transformou em rotina noturna nos quartos infantis brasilienses, adotada pelas mães mais experientes.

Sempre foi assim

Enquanto as conjuntivites e sangramentos nasais se tornam corriqueiros, o chefe da seção de previsão do tempo do Serviço de Meteorologia, Edgar Kinger, esclarece que a Nova República acaba de encontrar o clima tradicional do Planalto Central. "No ano passado, o fato de não ter havido uma seca como a de agora foi anomalia", diz ele, prevendo que até 15 de setembro cairão pelo menos duas chuvas fortes, na base de 60 milímetros por hora, o que será bastante para o cerrado se recuperar.

A dureza climática de Brasília está no choque térmico. Os meses frios são junho e julho e os mais quentes agosto e setembro, sendo que as últimas chuvas caem sempre em maio, como as deste ano, no dia 22. Agora, os candangos esperam animados a chamada "chuva do Caju", próxima à primavera, quando os cajueiros florescem no cerrado. Ela já deu o ar da graça na semana passada, quando caíram 11.9 milímetros de água durante esparsas quatro horas. Mas para o solo do cerrado, que retém pouco líquido e possui cobertura vegetal rala, não passou de uma leve orvalhada.

Coordenador da área técnica da Emater, o veterinário José Lopes Germano lamenta que este ano os reflexos da seca sobre as 80 mil cabeças de gado bovino do Distrito Federal tenham sido bem mais drásticos que das vezes anteriores. "Os criadores costumam se prevenir para a seca normal. Fazem aceros, limpando faixas de terreno ao longo das cercas como proteção contra incêndios e plantam capineiras, além de armazenar alimentos concentrados", explica.

"Desta vez, porém, foram surpreendidos pelas geadas excepcionais de julho", observa Germano. Sem as capineiras, queimadas pelas geadas, o gado emagreceu demais. Em contrapartida, a agricultura não sofreu prejuízo: adaptados à realidade climática, os produtores aproveitam o período para se dedicarem ao cultivo irrigado. Os preparativos para as culturas de "sequeiro" afloram apenas com a proximidade da primavera.

Apesar da fama de desastrosa, a baixa umidade de Brasília tem um ponto a seu favor. Germano lembra que ela dificulta a propagação de doenças na agricultura, transmitidas por bactérias, fungos e pulgões. Os bombeiros, porém, treinados para combater as pragas do fogo, preferem a época chuvosa, que no Distrito Federal é mais intensa nos meses de dezembro e janeiro.

Os incêndios

O major Guimarães, chefe do Centro de Operações, catalogou cerca de 2.200 ocorrências de incêndios nos gramados, jardins, parques, terrenos baldios e matas secas de Brasília. Apaixonado pelo Parque Nacional, ele não esconde sua preocupação com as consequências dos incêndios constantes naquela área.

"Além de ser uma reserva biológica, dali vem toda a água da cidade. E o pior é que os incêndios são quase sempre propósitos, causados por caçadores e pescadores que invadem o parque".

Orientado pelo IBDF, Guimarães está preparando um plano de prevenção para defender as barragens de Santa Maria e Torio, que captam água dos córregos e nascentes do parque. "O fogo destrói a vegetação, deixando o solo desprotegido. Quando vem a chuva, aceleram-se a erosão e o assoreamento dos lagos. Se não se tomar uma medida rigorosa agora, o fornecimento de água de Brasília estará comprometido", adverte.